

COMO nasceu e como morreu o "Vigilante", um pasquim de 1880.
 São Paulo, São Paulo, /s.d./

O Estado de

Como nasceu e como morreu o "Vigilante", um pasquim de 1880

CAMPINAS, outubro de 1935 — (Da succursal do "Diario da Noite") — Em chronicas ligeiras, alliviadas o quanto possivel do peso bruto da bagagem dos documentos de archivo, trouxemos aos poucos para estas columnas a historia da imprensa antiga de Campinas, com as suas pennas mais brilhantes e os seus typos mais populares. Restava agora, unicamente, relatar a vida bulhenta de alguns dos seus pasquins. A tradição oral — uma vez que os raros chronicistas que nos deixaram em letra de forma o pouco que possuímos de historia da cidade de antanho, houveram por bem passar por cima do monturo — a tradição oral é que nos conta algo de interessante, sinão de todos, pelo menos de dois emulos de "O Corsario", que vieram à luz e tiveram vida regular entre 1880 e 1890 nesta boa parochia de N. S. da Conceição de Campinas. São elles: o "Vigilante", do mulato Pimenta, e o "Petit-Jornal", do gallo-brasileiro Alfredo Gerard. Ambos caçarola de escandalos, que ia recebendo e cozinhando para a gulodice mexeriqueira da cidade provinciana os nabos e couves da vida particular, fosse lá de que cidadão fosse! Para tanto, tinham muito de topete e atrevimento os seus directores, filhos do povo que haviam bebido cultura no caixotim negro das typographias.

Mas deixemos por hoje o "Petit-Jornal" afim de travarmos melhor conhecimento com

O "VIGILANTE"

Foi a 22 de junho de 1882 que aqui appareceu o primeiro numero do "Vigilante". Montara-o com meia-duzia de caixas de typo e um prelo cambalo, nos fundos do Hotel da Europa — rua Lusitana, esquina da do Caracol que tem hoje o nome de Benjamin Constant — o typographo Pimenta, desabusado crioulo dos olhos azues.

Jornal do barulho, que vinha "preencher uma lacuna" na pobre imprensa local, o "Vigilante" logo no primeiro numero fez explosão na cidade! Critico, acima de tudo, as suas criticas eram debochativas e verrinosas, em linguagem de sargeta, ao sabor dos arrieiros da rua das Pingas ou das comadres da bica do Juca Aleijado. Entrava nas residencias senhoriaes, mas pelos fundos, escondido no seio da escrava de sinhã-dona ou nas algibeiras de sapiquá do negrinho pagem.

Que de coisa feia, trazia o "Vigilante"! Não houve quem delle não tivesse medo. Qualquer intriguinha de alcova, depois de cahir nas mãos do Pimenta, se transformava em sujeira. A sua penna tinha o condão da bruxa para de uma joia bonita fazer estrume. Ameaça? Quall! O Pimenta, com o "Vigilante" a guardar-lhe as costas, ria forte e falava grosso! Que se atrevessem!...

O FIM DO "VIGILANTE"

Mas tudo tem um fim neste murdo. E o "Vigilante" não podia fugir a esse destino das coisas creadas pelo homem.

Mezes depois, ninguem mais em Campinas augmentava o pasquim. Aquillo estava demais. E veiu o dia 29 de novembro de 1882. por signal que uma quarta-feira. Eram 19 horas, escurinho já, quando um bando de gente, cincuenta ou sessenta pessoas, erveredou pela rua do Caracol. A redacção e mais a officina do "Vigilante", conforme dissémos no inicio desta chronica, ficavam na esquina Lusitana, frente para esta rua. E o bando, formado de gente decidida e uma duzia de capangas assalariados, cada um com cacete ou garrucha, faca ou navalha, descia numa azoadá pela rua do Caracol.

O Pimerta e mais alguns auxiliares da caixa, trabalhavam na occasião para a edição da semana.

E a turba, aos gritos de quebra! mata! chocou-se com a porta trancada da redacção! Ao segundo arremesso, vóou porta e vóou a janella! Uma duzia dos mais desabusados invadiu logo o "Vigilante". Foi quando alguem, do lado de dentro, fez uso de arma de fogo. Dois ou tres tiros provocaram carreira fora. Uma bala perdida raspou a pelle do moço Firmino Lopes de Sousa. Mas os atacantes, passado o primeiro susto, voltaram á carga, respondendo tambem a tiro. E o Pimenta, segundo jiz a gente de dantes, fugiu pelo telhado.

A praça estava por fim conquistada. Typos, prelo, tinta e até um colchão velho vieram parar á rua, onde se fez fogueira do "Vigilante". Em passeata barulhenta pela cidade, com banda de musica e rojão, os empasteladores do "Vigilante" visitaram as autoridades e os jornaes "Gazeta", "Diario de Campinas" e "Opinião Liberal".

Houve discurso e o diabo!

Nem um soldado deixou a rua das Cadeias para salvar o "Vigilante".

Mas não terminou ahi a aventura. Dias depois, o "Diario de Campinas", em artigo de fundo, chamava a attenção da autoridade policial para os excessos do povo.

E' que, entre a papelada do "Vigilante", que se salvou das chamas, foram encontrados alguns originaes sem assignatura mas com letra de fulano ou de beltrano. . e a simples suspeita foi o bastante para se tirar vingança de muita gente... e raro era a noite em que não havia cacetadas ahi pelos bécos mais escuros...

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030340